

## Identificação do Patrimônio Vitral na cidade de Pelotas - RS.

Mariana Gaelzer Wertheimer<sup>1</sup>

Margarete Regina Freitas Gonçalves<sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho apresenta o levantamento cadastral dos vitrais existentes na cidade de Pelotas - RS, no ano de 2010. Os vitrais incorporados ao patrimônio edificado da cidade de Pelotas manifestam-se como elementos compositivos de uma arquitetura considerada eclética, que caracteriza a área central da cidade. Divididos em sacros e profanos, os exemplares existentes são símbolos de progresso tecnológico e estético e materializam parte das transformações de ordem econômica e social que a cidade de Pelota viveu. Os treze conjuntos de vitrais identificados, todos em edificações atualmente públicas, certamente, não representam a totalidade de exemplares existentes na cidade, mas mostram um importante pedaço da trajetória de uma manifestação artística, com características específicas, que traz em si técnicas de manufatura baseadas na tradição. A análise dos vitrais pelotenses permitiu identificar diferentes tipologias, quer seja sob o olhar tecnológico quer seja sob o olhar iconográfico.

**Palavras-chave:** vitral, levantamento cadastral, tradição, patrimônio, memória.

### Introdução

Antes de ser feita uma reflexão sobre o patrimônio vitral na cidade de Pelotas é fundamental a correta compreensão desta manifestação artística. O conceito de vitral está diretamente vinculado ao seu processo de fabrico, onde um conjunto de vidros é interligado a partir de uma calha de chumbo, no formato de um perfil H. Muitas vezes, como acontece também na cidade de Pelotas, aberturas com vidros coloridos, ricamente trabalhados, fixados de forma independente em estruturas de ferro ou de madeira são confundidos com vitrais. Porém, estas são vidraças complexas, que caracterizam o trabalho de verdadeiros mestres vidreiros. Uma definição bastante completa sobre os vitrais pode ser encontrada no trabalho Estudo do Patrimônio de Vitrais Produzidos em Porto Alegre no Período de 1820-1980. Nesta a autora descreve:

---

<sup>1</sup> Arquiteta, mestre, docente do Curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais Moveis, arqmw@uol.com.br.

<sup>2</sup> Engenheira civil, doutora em Engenharia de Materiais pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Minas, Metalurgia e Materiais da UFRGS, docente da Faculdade de Arquitetura, do Curso de Engenharia de Materiais e dos Programas de Pós-Graduação Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural e Mestrado em Ciência e Engenharia de Materiais (2010) da UFPel, [margaretef@gmail.com.br](mailto:margaretef@gmail.com.br)

O vitral é basicamente um conjunto de vidros, coloridos ou não, agrupados a partir de uma calha de chumbo unida por pontos de solda, sendo esta uma liga de chumbo e estanho. Os painéis planos formam normalmente uma composição, figurativa ou geométrica, a partir de pinturas (fixadas com calor) ou mesmo da própria coloração do vidro. Para que os painéis cumpram sua função, é necessário criar um sistema de vedação do conjunto; isto se consegue após o rebaixamento das calhas e a calafetagem com argamassa relativamente flexível, formada de crê e óleo de linho. Dependendo das dimensões dos painéis, eles poderão estar subdivididos em módulos, fixados em uma estrutura de ferro ou madeira, e possuir ainda barras de fixação para evitar deformações posteriores. (WERTHEIMER, 2009, s/p)

No Brasil a história do vitral ainda está por ser desenvolvida visto que a arquitetura colonial não privilegiou esta forma de arte. Nas regiões mais ricas, como as cidades do período das minerações, as residências mais sofisticadas prescindiam muitas vezes das vidraças, utilizando nas janelas folhas de madeira. As construções eram feitas em taipa de pilão sem vidros nos vãos e com grandes beirais para proteger as paredes da umidade.

Cabe salientar que os nossos principais colonizadores, os portugueses, não tiveram em seu país uma grande tradição no uso de vitrais e que muito do que possuímos no patrimônio nacional deve-se à posterior imigração de europeus, principalmente, de alemães e italianos.

No Rio Grande do Sul, falar em vitral é falar em Casa Genta e Casa Veit, os dois maiores ateliês existentes no sul do país, durante o século XX.

A Casa Veit iniciou sua produção com Albert Goodfried Veit, artista alemão nascido em 28 de abril de 1865, em Wüttemberg, na Bavária. Albert Veit imigrou para o Brasil, em 1913, com a sua esposa Margareth, os filhos Albert, August, Hans, Amanda, Catharina, um genro e o neto Albert Hoepf. Após um período vivendo no interior do estado do Rio Grande do Sul, em 1915, Albert mudou-se com a família para Porto Alegre e, utilizando-se de seu conhecimento sobre a arte dos vitrais, montou seu próprio estabelecimento, *a Vitraux e Arte Veit*, com sede na Avenida Redenção, nº 623, atual Av. João Pessoa. Quando os seus filhos Albert Josef Georg e Hans e o neto Albert Veit Hoepf passaram a trabalhar ao seu lado a empresa passou a ser conhecida como Veit e Filho. Em 22 de janeiro de 1934, Albert Veit faleceu em Porto Alegre e seu filho, Albert Josef, deu seguimento ao seu trabalho por curto período de tempo pois veio, também, a falecer logo em seguida. Dando continuidade a empresa, ficou na direção até o seu falecimento, no ano de 1970, o caçula da família, Hans Veit. Após sua morte a família fechou a empresa e encerrou a tradição de vitrais da família Veit. Pouca documentação se tem sobre a história do ateliê, mas é bastante provável que nas grandes obras a família contratasse

outros profissionais para auxiliar na execução dos trabalhos. Esta prática acarretou na falta de estilo pictórico de suas produções. Outra característica bastante forte nos vitrais da Casa Veit é o uso abundante de vidros opalinos<sup>3</sup> e opalescentes, em especial na fachada, onde comumente invertiam a leitura do vitral, sendo os elementos escritos virados para o exterior da edificação.

A Casa Genta foi sem dúvida o ateliê de maior representatividade na cidade de Porto Alegre e, também, no estado do Rio Grande do Sul. Sua produção marcou mais de uma geração no ramo vidreiro e na memória coletiva gaúcha. Além de vitrais seu reconhecimento ocorreu pela produção de espelhos, vidros temperados, peças automotivas, etc. A história da Casa Genta iniciou com Antônio Genta, descendente de italianos, nascido em 1879 na cidade de Montevideu (Uruguai). O pai, Giuseppe Genta, transmitiu a Antônio e a seu irmão, Miguel, os ensinamentos da arte do vidro trazida de Gênova e Altari (Itália). Em meados de 1908, já residindo em Porto Alegre, Antônio começou a trabalhar com vidros em uma pequena oficina localizada na Rua Floresta, nº 19 (atual Avenida Cristovão Colombo). Diferentemente da estrutura familiar da Casa Veit, no ateliê Casa Genta vários e importantes artistas trabalharam. Dentre os principais que se dedicaram à criação de cartões, desenhos e pintura de vitrais destacam-se: Maximilian Dobmeier, pintor, nascido em Munique (Alemanha), que trabalhou no período de 1930 a 1950, e Francisco Huguet, desenhista e projetista espanhol, que trabalhou no período de 1940 a 1980. Ambos com trabalhos e bastante representatividade nos vitrais existentes na cidade de Pelotas (fig. 1).

---

<sup>3</sup> Vidros opalinos são vidros semi-translúcidos muito usados na fabricação de luminárias artesanais, devido justamente a sua opacidade.



(A)

(B)

Figura 1: Vitral existente na Capela da Universidade Católica de Pelotas –Campus II, Pelotas-RS. (a) Vista do anverso do vitral. (b) Detalhe da assinatura de Francisco Huguet.

Fonte: LANN, Bruna van der, Maio de 2011.

### A Arte do Vitral Pelotense

Para compreender a manifestação da arte do vitral do século XX na cidade de Pelotas, foi necessário conhecê-la em seu aspecto geral, seu processo evolutivo, histórico, suas características tecnológicas e compositivas, assim como o seu processo de degradação. Como resultado verificou-se que a qualidade dos vidros usados nas edificações pelotenses demonstra a existência de uma importação de placas planas e o uso de técnicas de produção com gravação à ácido, demonstrando familiaridade com o “vidro”. No entanto, percebe-se que pouco se conhece sobre a produção de vitrais.

A partir de uma metodologia de levantamento instrumentalizado com fichas cadastrais, foi possível identificar treze prédios com conjuntos de vitrais na zona central da cidade de Pelotas (fig. 2).

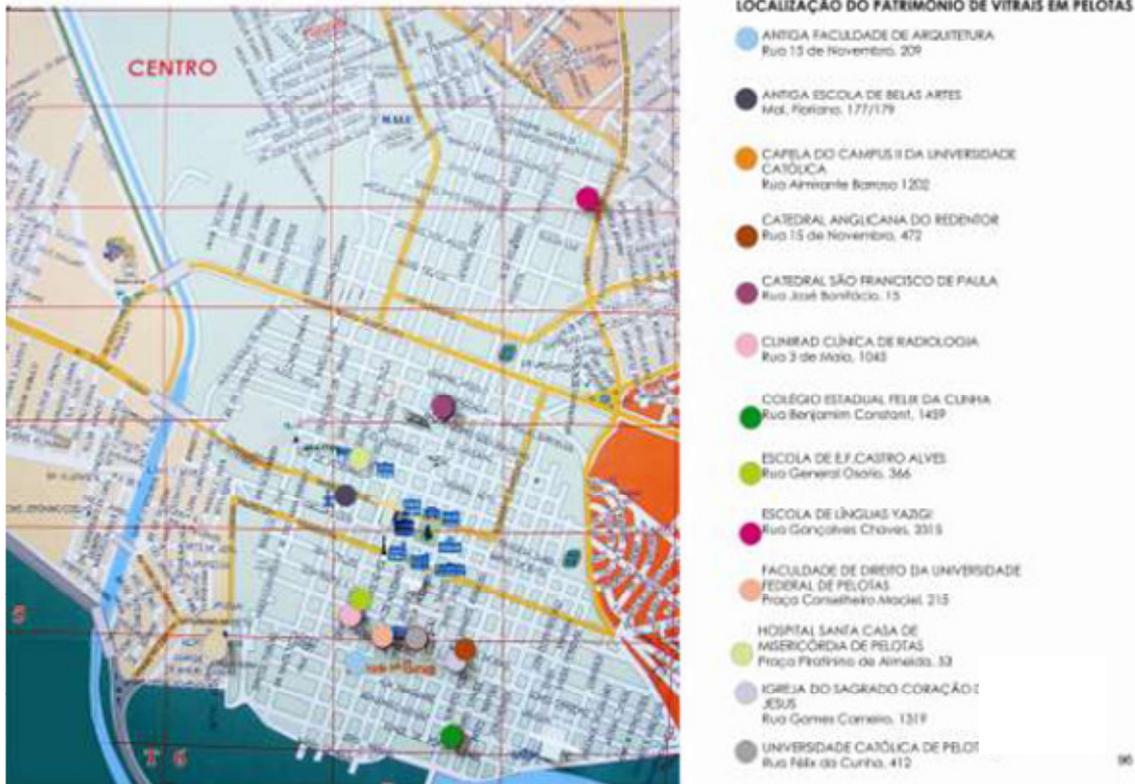


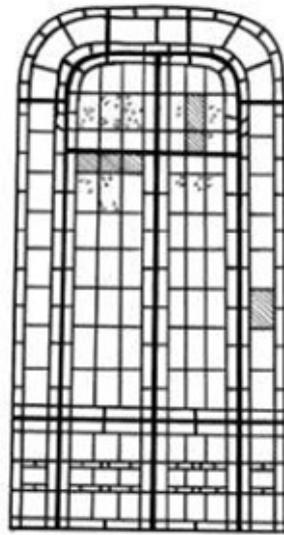
Figura 2: Localização dos prédios com conjuntos de vitrais na cidade de Pelotas-RS.

Fonte: Autora Março de 2011

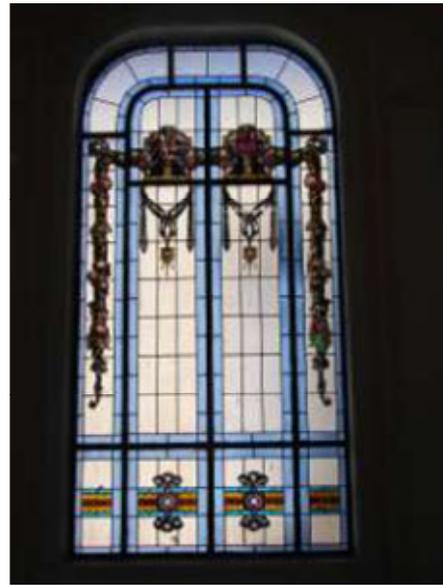
A identificação dos prédios foi feita através do nome do edifício, com exceção dos prédios da antiga Escola de Belas Artes e o da Antiga Faculdade de Arquitetura que tiveram sua identificação vinculada ao uso mais reconhecido da edificação. Foram identificados como detentores de conjuntos vitrais os prédios: Antiga Escola de Belas Artes; Casarão Dona Eulália; Capela da Universidade Católica de Pelotas - Campos II; Catedral Anglicana do Redentor; Catedral São Francisco de Paula; CLINRAD - Clínica de Radiologia; Colégio Estadual Felix da Cunha; Escola de Ensino Fundamental Castro Alves; Escola de Idiomas Yazigi; Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas; Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas; Igreja do Sagrado Coração de Jesus; Universidade Católica de Pelotas – Campus I.

Nos exemplares identificados foram analisadas as suas características formais e tecnológicas e, também, os aspectos de conservação e alterações causadas pela ação do tempo ou pela intervenção humana, através de exames visuais, sem o auxílio de instrumentos. Os danos observados foram representados em diagramas diagnósticos (fig. 3), elaborados segundo as normas do Comitê *Corpus Vitrearum Medii Aevi*<sup>4</sup>, editadas em 2004, em Nuremberg (Alemanha).

<sup>4</sup> *Corpus Vitrearum Medii Aevi*- Instituição criada em 1952 pelo comitê *Internacional d'Historie de L'art* e pela União Acadêmica Internacional para o Estudo do Vitral (REDOL, 2000, p. 13)



(a)



(b)

Figura 3: Vitral existente no prédio da antiga Escola de Belas Artes, Pelotas –RS. (a) Diagrama diagnóstico do estado de conservação do vitral- anverso. (b) Vista interna do vitral – anverso.

Fonte: Autora, outubro de 2010.

Para a numeração das janelas (fig. 4) fez-se uso das normas do Centro de Conservação e Restauro da Batalha (CCRB), em Portugal. Devido a numeração empregada pelo *Corpus* ser estruturada em um eixo longitudinal, típico das igrejas européias, algumas adaptações tiveram que ser realizadas para que o esquema de organização funcionasse em plantas irregulares, fato comum nos prédios visitados. Todos os vitrais receberam uma letra inicial que se refere ao tipo de abertura, sendo que para as janelas usou-se a letra J e para as portas usou-se a letra P. O sentido da numeração foi definido considerando a porta de acesso da edificação como ponto de partida.

ANEXO FICHA DE LEVANTAMENTO DO PARTIMÔNIO DE VITRAIS EM PELOTAS  
**IGREJA EPISCOPAL CRISTO REDENTOR**  
PLANTA ESQUEMÁTICA

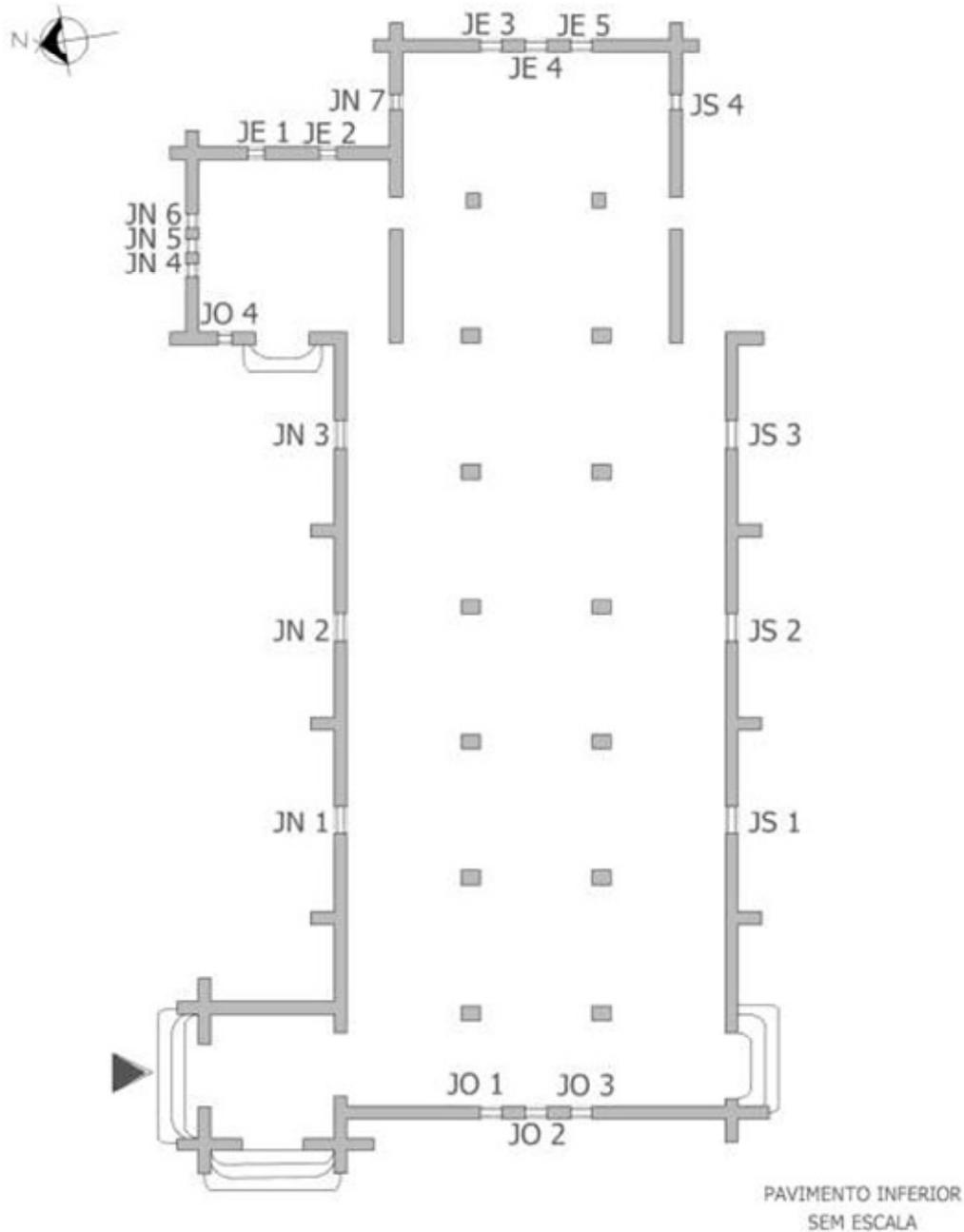


Figura 4: Vitral existente no prédio da Catedral Episcopal Anglicana do Redentor, Pelotas-RS. Localização, identificação e numeração das janelas com vitrais.

Fonte: Autora, Março de 2011.

Na cidade de Pelotas, os exemplares de vitrais podem ser divididos em dois grupos, os religiosos e os profanos. Nos dois é possível caracterizar marcas da tradição.

Os vitrais religiosos pelotenses caracterizam-se pela tradição medieval da narrativa e

da marca dos doadores. Os painéis destes vitrais são mais elaborados, possuindo uma maior riqueza de vidros importados. O trabalho pictórico, bem mais pormenorizado, é obtido através da grisalha e pela modelação da entrada de luz. Já os vitrais profanos encontrados são originalmente particulares e possuem contextualização diretamente ligada ao social e ao poder econômico. Neles, são comuns as representações da flora ou motivos bucólicos, o uso de vidros nacionais e uma vibração cromática menor. É comum o uso de vidros opalinos e opalescentes e, em muitos exemplares, percebe-se que o uso de esmaltes é bem mais abundante que a grisalha ou o amarelo de prata

Sobre a localização dos vitrais em relação às edificações foi possível perceber que se encontram, na maioria das vezes, em fachadas externas. Alguns painéis, entretanto, se encontram no interior dos edifícios e são resultantes de transformações arquitetônicas, como é o caso do vitral da Universidade Católica de Pelotas – Campus I. As edificações com recuos laterais foram mais propícias à instalação de vitrais fora da fachada principal.

Os exemplares de vitrais encontrados, em sua maioria, não possuem identificações, com exceção dos existentes na Catedral Episcopal Anglicana do Redentor, na Catedral São Francisco de Paula e na Universidade Católica de Pelotas – Campus I (fig. 1), oriundos dos ateliês Casa Veit e Casa Genta.

Na composição dos painéis dos vitrais é constante a presença de cercaduras. Com exceção do painel da Universidade Católica de Pelotas, todos os vitrais possuem uma cena central organizada a partir de um trabalho em vidros na periferia, mais ou menos elaborados. Estas cercaduras, ou mesmo as composições, seguem de um modo geral uma simetria no eixo longitudinal ou transversal.

Os sistemas de fixação, com exceção dos painéis do ateliê Casa Veit existentes na Catedral São Francisco de Paula, são formados por módulos fixos pelo exterior em estruturas metálicas independentes.

Nos vitrais identificou-se o uso do sistema de proteção isotérmica, prática bastante usada na Europa, atualmente objeto de muitas pesquisas porque este sistema, quando mal executado, compromete a saúde do painel pela falta de ventilação, presença de umidade localizada, condensações indevidas e proliferação de microorganismos. O uso acentuado nos vitrais pelotenses faz parecer existir uma autoria comum para as intervenções.

Analisando-se as intervenções nos vitrais percebeu-se que, na maioria, as ações não foram de restauro, visto que nestes foram utilizados para a reconstituição de partes quebradas vidros atuais e cores com diferença de tonalidade da original (fig. 5).



Figura 5: Vitral existente no prédio da antiga Escola de Belas Artes, Pelotas –RS. Diferença de coloração de fragmentos, resultado de intervenção recente.

Fonte: Autora, Outubro de 2010.

O estado de conservação dos painéis não é uniforme e merece muita atenção. A rápida deterioração é bastante visível e é importante de ser registrada. Durante o estudo, praticamente de um ano, três dos exemplares analisados sofreram danos irreparáveis. Os painéis da Clínica de Radiologia (CLINRAD), por estarem em mal estado de conservação, foram totalmente substituídos por vidros transparentes e os vitrais da Santa Casa de Misericórdia e da Catedral Anglicana do Redentor foram alvo de vandalismos que provocaram perda de material original.

### Considerações Finais

O desenvolvimento deste trabalho reforçou a idéia de que o estudo sobre a arte vitral em nosso país apresenta muitas lacunas e que é necessário o desenvolvimento de pesquisas que resgatem o conhecimento das técnicas de manufatura para possibilitar verdadeiras ações de restauro.

A escassez de informações e registros, somada a intervenções sem documentação e com interferências inadequadas, que removem parte da originalidade dos conjuntos de vitrais, dificultam os trabalhos de conservação deste tipo de produção cultural.

A manutenção dessa manifestação artística é fundamental para a conservação do patrimônio, da memória e da tradição nacional.

### Referências

WERTHEIMER, Mariana G.. **A Arte Vitral do Século XX em Pelotas, RS**. Dissertação. Programa de Pós-graduação Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências

Sociais, Universidade Federal de Pelotas do Sul. Pelotas, RS, 2011, p. 96, 97, 101, 103, 105, 120

\_\_\_\_\_. **Estudo do Patrimônio de Vitrais Produzidos em Porto Alegre no Período 1920/1980**, Porto Alegre: CD-ROM. 2009.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na Fronteira Meridional do Brasil (1870 1931)**. Tese. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - Conservação e Restauro. Universidade Federal da Bahia. . Salvador, Bahia, 2007, p. 322

REDOL, Pedro Silva. **O Vitral história conservação e Restauro**, Lisboa: IPPAR, 2000, p. 13

**Site:**

<<http://www.corpusvitrearum.org> >Acesso em: 19/abril/2011